

Herança de Amor e Memórias

Por Anna Luiza Bastos Lopes



INTRODUÇÃO

Este livro tem como objetivo atender à tarefa da matéria técnicas de redação.

O assunto a ser abordado, tem como personagem central os Avós. Eu tenho somente a avó materna viva, meu avô materno e avós paternos já faleceram.

Para elaborar este livro, realizei pesquisas com minha mãe, tias e avó, e, a partir de entrevistas, fotos, documentos e descobertas, consegui completar minha tarefa.

Agradeço a Deus em primeiro lugar, a elas que contribuíram com suas lembranças e fotos, ao meu Pai que me ajudou a desenvolver o texto.

Anna Luiza Bastos Lopes – 6º AR – Mater Amabilis

CAPÍTULO I A

INFÂNCIA

De origem humilde e rural, minha avó Judite da Rocha Bastos nasceu em 07/11/1952, no município de Ibitiara, no estado da Bahia.

Seus pais eram Stelina Maria da Conceição e Isaias da Rocha Bastos, moradores da área rural, trabalhadores da roça, que produziam parte de seus próprios alimentos para sustentar a família de 7 filhos.

Minha avó e seus irmãos nasceram de parto normal em casa, ajudados por uma parteira.

A função de parteira nessa época era muito comum, pois o município não tinha médicos e nem hospitais, substituídos por esta figura que, além dos partos, fazia remédios caseiros com ervas, benzia crianças e adultos e ainda resolvia conflitos familiares.

Ibitiara é um município brasileiro do estado da Bahia, mas nem sempre teve este nome. Em 1943, através do Decreto nº 141, de 31 de dezembro, a denominação que era Bom Sucesso foi modificada para Ibitiara, nome indígena que significa ***Ibi = terra, tiara = áurea***, ou seja, ouro, significando ***terra do ouro***.

Sua população estimada em 2010 era de 15.508 habitantes. O município de Ibitiara localiza-se na Zona Fisiográfica da Chapada Diamantina no estado da Bahia. Faz limite com os municípios de Ibipitanga, Novo Horizonte, Brotas de Macaúbas, Seabra, Boquira, Oliveira dos Brejinhos e Boninal.

Minha avó vivia com sua família em uma casa de sapê (barro), cercada por uma terra árida com vegetação nativa e animais de criação, como galinha, porco e vaca, dos quais seus pais tiravam parte do sustento, como ovos, leite, carne, hortaliças e frutas.

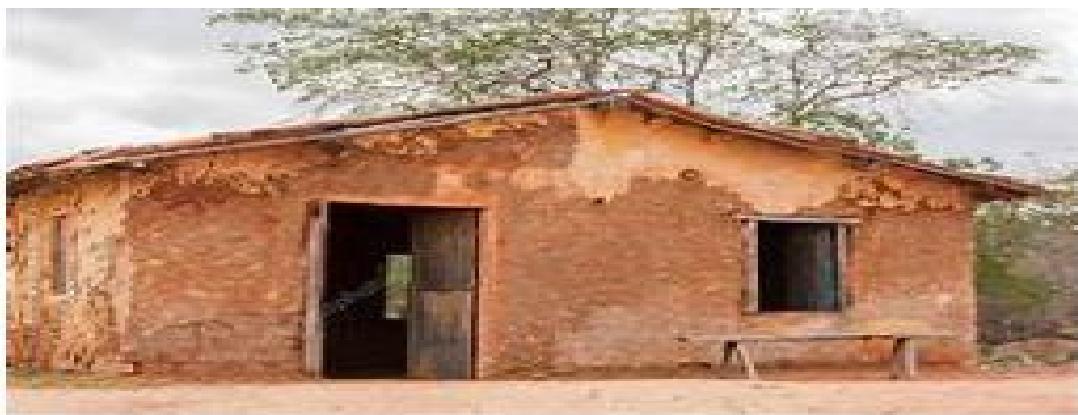


Figura 1 As casas de taipa são estruturas habitacionais construídas com a técnica ancestral de compactação de materiais naturais, como argila, areia, palha e água, para formar paredes, painéis e até mesmo tijolos.

Aos oito anos de idade, minha avó já trabalhava na roça, no plantio e colheita de feijão.

Assim recebiam o título de “boia-fria”, que significa quem executa um trabalho na zona rural sem a obtenção de vínculos empregatícios.

A expressão boia-fria é proveniente do modo como eles se alimentam, pois saem para o trabalho de madrugada e já levam suas marmitas e, como não existem meios para esquentá-las, ingerem a comida fria.

Infelizmente, minha avó não teve oportunidade de frequentar a escola, como muitas crianças que viviam nas mesmas condições, a necessidade de ajudar no sustento da casa as sujeitavam ao trabalho no campo em diversas culturas, quase sempre em períodos de colheitas.



Figura 2 Plantação de feijão

Aos 13 anos, após o falecimento de minha bisavó, minha avó assumiu os trabalhos domésticos e o cuidado dos irmãos menores, deixando de ir para a roça.

Lavava roupas no ribeirão (riacho) e, após secá-las, levava-as para casa; para passar, utilizava um ferro a carvão, pois, naquela época, não tinha energia elétrica na região. Assim, por não ser fácil esse acesso aos eletrodomésticos, nem a gás de cozinha, minha avó cozinhava em um fogão a lenha em uma cozinha iluminada por lamparina. A conservação dos alimentos naquela época não era fácil, basicamente se consumia o que produzia no mesmo dia, mas os alimentos perecíveis, como carne, podiam ser guardados cozidos em latões de banha, o que os conservava por vários dias. Usava-se também a técnica de defumação e salga.



Figura 3 ilustração de como se lava roupas no riacho



Figura 4 fogão a lenha feito de barro



Figura 5 ferro de passar a carvão

Figura 6 lamparina a óleo

O Namoro

A fase de cuidar do meu bisavô e de seus irmãos e de todos os trabalhos domésticos encerrou-se aos 15 anos de idade, quando conheceu e se casou com meu avô.

Para explicar como eles se conheceram, é importante destacar que a minha avó, com 14 anos, em raros momentos de diversão, aos finais de semana, ia dançar no forró, expressão artística nordestina que abrange ritmo musical, dança e festividade.

Em um desses momentos, conheceu um moço que se chamava Valdemir. Após trocas de olhares, se aproximaram e começaram a conversar para se conhecerem melhor.

O moço, depois de algumas horas de conversa, decidiu chamar a minha avó para dançar, mas não dançaram muito, pois minha avó tinha que chegar cedo em casa.

Como meu avô Valdemir morava num bairro próximo, decidiu levar a minha avó para casa, e, na saída, muito cavalheiro, comprou uma maçã do amor para ela. No caminho, aproveitaram para continuarem se conhecendo melhor. Por causa dos costumes da época, não a levou para casa, com medo do meu bisavô.

Após permissão do meu bisavô, eles começaram a namorar, mas o namoro daquela época era diferente: quando eles saíam para passear, tinha de

ser durante o dia e com hora marcada para voltar; além disso, minha avó levava seus irmãos.

Capítulo II - O início de nossa família

Reparamos neste primeiro capítulo que minha avó não teve muitos momentos de brincadeiras e diversões, pois as dificuldades daquela época obrigavam as crianças a assumirem responsabilidades muito cedo. Além disso, não falamos em escola, pois minha avó não aprendeu a ler ou escrever, mas, hoje, ela escreve alguns números e seu nome.

O pedido de casamento

Assim como, para namorar com minha avó, meu avô teve de pedir para meu bisavô, para casar-se com ela, foi igual. O costume da época era rígido: se os pais não autorizassem, não haveria casamento, mas, para felicidade do casal, meu bisavô autorizou o casamento, de primeira.

O casamento

O Casamento foi realizado no subdistrito de Remédios do município de Ibitiara, no cartório de registro civil, às 09:00 horas da manhã do dia 09 de novembro de 1971.

Todo casamento tem festa, e a da minha vó foi longa, começando às 17:00 horas do dia 09 e indo até as 07:00 horas da manhã do outro dia, com muito forró, bebida e comida típica da roça, tudo iluminado por uma grande fogueira.



Documento: Certidão de casamento

Série AA
Nº 551936


ESTADO DA BAHIA
PODER JUDICIÁRIO

COMARCA DE Ibitiara
 Subdistrito de Romédios

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS

CERTIDÃO DE CASAMENTO

13922211/0001-0

ROMÉDIO CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL E PAZ
 RUA DA MATRIZ 105 - GRADA VILA DOS REMÉDIOS
 CEP 45800-000
 MURIAÉ - RJ

Faço saber que no Livro de registro de casamentos, sob o nº 14,
 existente em meu poder e cartório, às fls. 100, consta o termo nº 386, do casamento
 do Sr. Valdemir Florentino dos Santos
 com Judite da Rocha Bastos,
 que passou a chamar-se Judite Bastos dos Santos,
 reatado a 09 de novembro de 1971, perante o
 Juiz de Paz em exercício e cidadão Clávio Pereira Freire,
 presente as testemunhas Nelson José de Souza e
Genivaldo Francisco de Souza,
 casados sob o regime Comunhão Universal de bens.

O NOVÔNTE: Estado civil <u>solteiro</u> Natural <u>Ibitiara-Bahia</u> Profissão <u>lavrador</u> Nascido em <u>06 de outubro de 1948</u> , em o lugar Brejo de Luisa da Brito " " do Distrito de Remédios,***** Residente <u>Brejo de Luisa da Brito,***</u> Filho <u>de Maria Senhora de Jesus,***</u> *****	A NOVÔNTE: Estado civil <u>solteira</u> Natural <u>Ibitiara-Bahia</u> Profissão <u>doméstica</u> Nascida em <u>07 de novembro de 1952</u> , em o lugar Mutuca do Distrito de Remédios,***** Residente <u>em o lugar Mutuca deste,*</u> Filha <u>de Isaias da Rocha Bastos e</u> <u>de Stolina Maria da Conceição,***</u> *****
--	---

OBSERVAÇÕES: |
 Casamento realizado em 09/11/1971, 2ª via.

FOLHA JUDICIAIS
 ATÉ 8 UNDS

Início Pedro Elias de Souza, Juiz - 1988 a.d. Valor da taxa ORDEM DE 100,00	20/08/98 <u>Eduardo T. Freire</u> Juiz de Paz - 1998 a.d.
--	--

Vila de Remédios Ba., 25 de Fevereiro de 1998

Eduardo T. Freire
 OFICIAL

L.10.04.0000

Já casados, minha avó e meu avô continuaram em Ibitiara, morando na casa dele, e com eles, sua mãe, minha bisavó.

Ambos trabalhavam na roça, enquanto minha bisavó cuidava da casa e das criações. Eles acordavam de madrugada para preparar o café e o almoço para a marmita, o dia nem clareava e lá já estavam tomando o caminho da roça.

Com a inchada no ombro e a marmita na mão, caminhavam até o lugar onde ficava a plantação de feijão.

O sol despontava às 06:00 da manhã, muito quente, obrigando-os a se protegerem como podiam, pois não podiam parar de trabalhar para descansar.

Às 10:00 horas da manhã, paravam o trabalho e se reuniam debaixo de uma arvore para fazer sua refeição, a “**boia fria**”, momento em que conversavam sobre diversos assuntos, sobretudo as dificuldades do dia a dia e seus sonhos para o futuro.



Figura 7 Momento da refeição na roça a "boia-fria"



Figura 8 ilustração da mulher trabalhadora da roça



fonte: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/boia-frias.htm> "Eduardo de Freitas Graduado em Geografia"

https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=AwrFEjJ5VU9oYyoFxQv16Qt.;_ylu=c2Vja3NIYXjaARzbGsDYnV0dG9u;_ylc=X1MDMjExNDcxMDAwNQRfcgMyBGZyA21jYWZlZQRmcjlDcDpzLHY6aSxtOnNiLXrvcARncHJpZAM1S1VI M 01J T FNNZ XpD Mk x6 M Ed YR 1p BBG5f c nNs dA M wBG 5f c 3VnZ w M xBG 9 yaW dpb g Nic i 5 pbW FnZXMuC 2 Vhc mN oLn lh aG 9 vL mN vbQ R wb3 MD MAR wc XN 0c g MEc HF zdHJ s A zAEc XN 0c m wDMzQ Ec XViC n kD aW 1hZ2Vuc yU yMG R IJ T lwdHJ uc 3 B vc nR IJ T IwZG U IM jBi b 2lhJ T I wZ nJ p YXME dF 9z dG 1 w Az E3N TA w MzA zMjJA - ?p=imagens+de+trnsporte+de+boia+frias&fr=mcafee&fr2=p%3As%2Cv%3Ai%2Cm%3Asb-top&ei=UTF-8&x=wrt

Capítulo III Os Filhos

Não demorou muito e vieram os filhos, meus tios e tias. Ao todo foram 6 filhos, quatro mulheres e dois homens.

A primeira filha a nascer foi minha tia “Má” (1973), abreviação de Zilmar; o segundo foi meu tio Ju (1975), abreviação do apelido Juca, mas seu nome é Joelson; e, em terceiro, nasceu meu tio “Careca” (1977), (este apelido foi eu quem deu, quando era pequena), seu apelido de infância é Ivan, mas seu nome é Josevaldo.

Antes de falar dos outros tios, vou falar do nascimento do tio Ivan. Após meus dois primeiros tios (Tia Má e Tio Juca) terem nascidos em Ibitiara – BA, entre 1973 e 1975, meus avós decidiram viver em São Paulo-Capital, para tentar condições melhores.

O ano era 1976, minha avó estava no começo da gravidez do Tio Ivan. Chegaram em São Paulo pela Rodoviária da Luz, na estação Júlio Prestes, no centro de São Paulo;



Figura 9 Antiga Rodoviária de São Paulo, próxima à estação Júlio Prestes, ficou na região até 1982. Essa foto é de 1976.

Foram morar na periferia da zona norte de São Paulo, no Bairro Vila Gustavo, em uma casa humilde e em condições precárias, onde nasceu meu tio Ivan.

Quando meu tio Ivan estava com 8 meses, minha avó engravidou da minha Mãe, a Zi (1978), abreviação de Zilma. E sim, ela teve duas filhas quase com o mesmo nome, diferenciado somente pela letra “R” (Zilmar e Zilma), coisas de antigamente.

Como a vida em São Paulo estava muito difícil, com minha avó ainda grávida, decidiram voltar para Ibitiara, pois lá pelo menos tinham ajuda de minha bisavó para cuidar das crianças, enquanto minha vó ajudaria meu vô a trabalhar na roça.

Mas, por pouco tempo continuaram em Ibitiara, e, quando minha Mãe tinha 3 meses, retornaram para São Paulo, de onde não mais saíram.

Já em São Paulo, nasceram minha Madrinha Tia Lu (tchu, apelido que eu também dei), cujo seu nome é Lucimar, e Tia Gorda (este apelido foi meu primo Fernando que deu quando pequeno), seu nome é Silvana.

Em São Paulo, minha avó trabalhava como doméstica na casa de uma família de segunda a sexta e aos fins de semana como diarista para complementar a renda.

Já meu avô trabalhava como pedreiro. Por ser um bom profissional, muitos queriam seus serviços e ele era uma pessoa muito boa de coração, então ajudava a todos que o procuravam.

Moraram em diversos lugares na zona norte, até que conseguiram comprar uma casa a prestaçāo, no Conjunto Habitacional Jowa Rural, saindo do aluguel.

Meus tios eram pequenos, então, para meus avós trabalharem, ficavam sob a responsabilidade da filha mais velha, Tia Má (Zilmar).

Logo veio o primeiro neto, Luís Fernando, filho da minha tia Zilmar, aumentando, assim, a família.

A casa era pequena, mas tudo se ajeitava, aos poucos foram modificando-a e aumentando-a para caber todos.

Além da família, que não era pequena, muitos parentes que saíam da Bahia para tentar a sorte em São Paulo ficavam com meus avós até encontrarem emprego e conseguirem um lugar para morar. Desse modo, a casa de meus avós foi de muitos hóspedes, pois não deixavam ninguém da família passar dificuldades na cidade grande.

Durante muitos anos, foram idas e vindas dos familiares na casa de meus Avós, uns fixavam residência em outros bairros, outros não se acostumavam e voltavam para a Bahia.

O Ano era 2000 e a família teve uma grande tristeza, o falecimento do meu Avô Valdemir de causas naturais. Todos ficaram muito tristes, mas, aos poucos, a tristeza ia se transformando em saudades e boas lembranças.

Nesta época, todos da casa trabalhavam e ajudavam minha avó com as despesas, e as reformas foram melhorando cada vez mais o conforto da família.

A primeira a sair de casa após casar foi minha tia Má. Meu tio Juca, mesmo casado, continuou a morar na casa, em um anexo que ele construiu em cima, até comprar seu primeiro apartamento. Depois, foram minha mãe e meu pai e, por último, a tia Silvana.

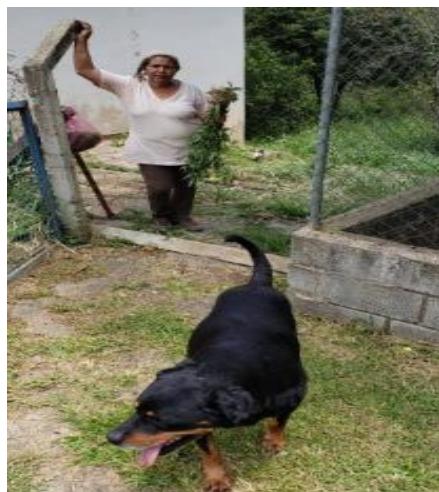
Os anos foram se passando, projetos sendo criados, netos e bisnetos nascendo, conquistas realizadas, e toda família permaneceu unida, um ajudando sempre o outro.

Quando minha avó se aposentou, aos 65 anos de idade, já trabalhava há 25 anos (desde que chegou em São Paulo pela segunda vez) na casa de uma família, onde criou laços afetivos de muita amizade com a matriarca da família a Sra. Antonieta, carinhosamente chamada de “Nica”;

Depois que se aposentou, se dedicou exclusivamente à casa dela, de que, diga-se de passagem, não gosta de sair, a não ser se for para o sítio em Atibaia.

Além de se dedicar à casa, cuidou dos netos, de minha prima Beatriz, de mim, e agora ajuda minha tia Silvana a cuidar da minha prima Mariane. Também se prontifica a ficar com nossos pets, quando vamos viajar e não podemos levá-los.

Ainda leva uma vida muito simples e, ao mesmo tempo, com fartura, zelando pela casa, filhos e netos. Gosta de cachorro, mexer com a roça do sítio (**para matar a saudade**), adora conversar e onde encosta tira sempre um cochilo;



Hoje, a família conta com seis filhos, três genros, duas noras, sete netos, com o oitavo a caminho (Pedrinho), e cinco bisnetos. Assim, de uma família se formaram mais cinco.

FILHOS

Zilmar (Mazinha)



Joelson (Juca)



Josevaldo (Ivan)



Vô (Valdemir) Vó (Judite)



Zilma (Zi)



Lucimar (Lu)



Silvana (Tia Gorda)

Netos



FERNANDO 1990



MATHEUS 2000



JULIA 2010



BEATRIZ 2012



ANNA LUIZA 2014



LARISSA 2019



MARYANI 2021



Pedrinho

Bisnetos



Gabriel



Samuel



Ana Julia



Gabriela

e
Isabelle

FAMILIAS

Primeira família a se formar
Tia Má e Tio Rogerio



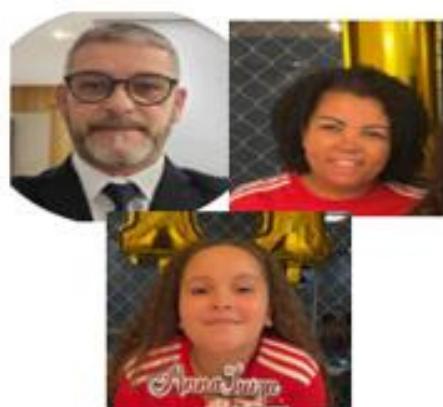
Segunda família a se formar
Tio Juca e Tia Leni



Terceira Família
Tio Ivan e Tia Gra



Quarta Família
Meu Pai e Minha Mão



Quinta Família
Fernando e Cinthia



Sexta Família Tio Pauliano e Tia Silvana

